

Courreges volta ao Brasil

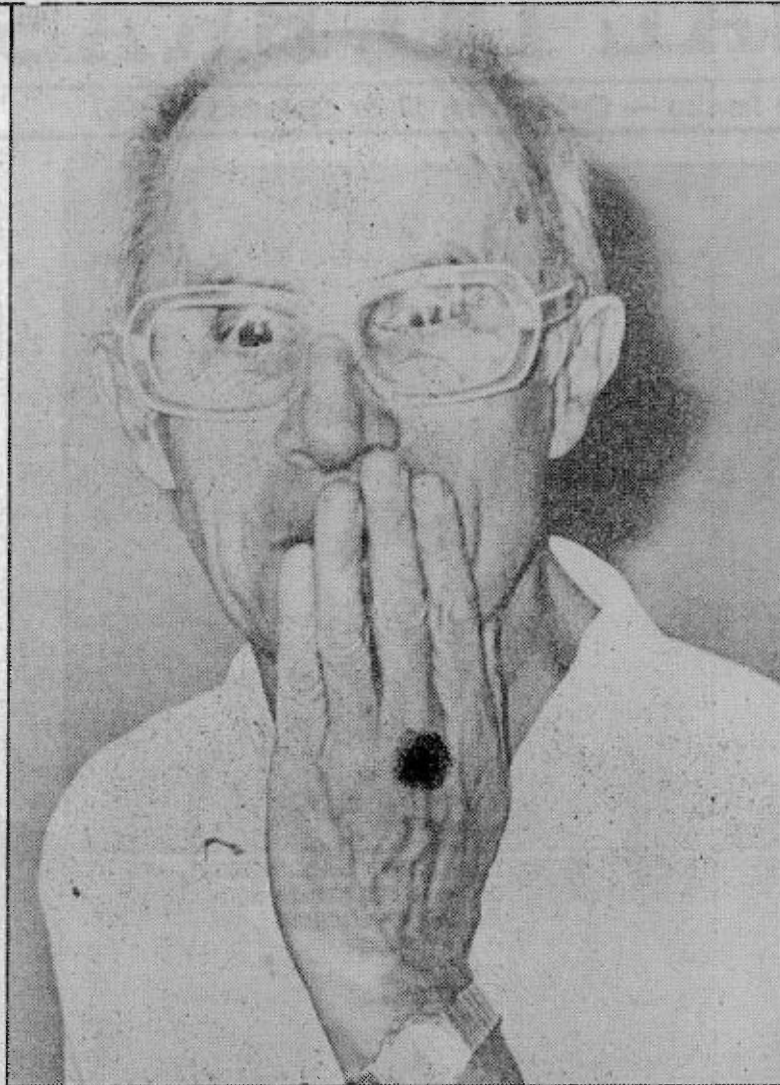
Lina de Albuquerque

SÃO PAULO — O revolucionador da moda da década de 60 com a criação da minissaia e da calça comprida feminina, o ousado estilista e arquiteto André Courreges, chegou ontem a São Paulo para anunciar o relançamento da sua griffe no Brasil e participar hoje do **I Encontro Internacional de Moda** no Hotel Brasilton, zona central da cidade. O estilista francês já tentou introduzir a sua marca no Brasil há cinco anos, mas teve problemas com a distribuidora Labergere e acabou rescindindo o contrato.

Empolgado com a nova entrada de griffe no Brasil — que nos anos 70 se expandiu também para os acessórios, como óculos, gravatas, pranchas de surfe —, Courreges garantiu ontem que no momento só existem duas empresas comprometidas com a renovação no terreno da moda: a Chanel e, sem falsa modéstia, a própria Courreges. Aliás, ele prefere chamar a sua criação de “estilo”: “A moda é superficial e consiste apenas em subir ou descer saias, por exemplo. Eu me preocupo com o estilo, que é mais profundo que a moda e inventa os modelos representativos de uma época”, disse.

Antes de se tornar famoso, Courreges sofreu resistência de muitos que ora o acusavam de masculinizar as mulheres com as pantalonas, bra de transformá-las em objetos sexuais, com os minivestidos e os collants. Em pouco tempo, porém, o seu “estilo se espalhou pelo mundo e no final da década de 60 lançou a linha **Couture future**, roupas fabricadas em série, inspiradas nos trajes usados para o esqui. Nessa época, ele foi desligado da alta costura internacional pelo fato de não lançar nenhuma outra coleção considerada significativa e ter popularizado demais os seus produtos.

A representante das Courreges no Brasil é a mesma criada em 1982: a Brasilac, de propriedade de Ana Maria Marques. O próprio Courreges projetará a sua sede, estilo futurista, num local aprazível na zona sul de São Paulo. “Vou comercializar aqui todos os meus produtos, inclusive os acessórios. Os novos projetos são baseados sempre na evolução social e no Brasil não fugirão dessa regra. As minhas próximas coleções já podem ser vistas nos filmes de ficção científica”, anunciou ontem. Mas nada de adaptações tupiniquins: para Courreges, a moda é internacional. “Pretendo apenas incorporar nos modelos a cor e alegria tropicais.”



Nessa sua retomada do mercado brasileiro, o francês André Courreges pretende “apenas incorporar nos modelos a cor e a alegria tropicais.”

Cá pra nós

Mais uma vez repete-se o fenômeno: o Brasil, considerado um mercado pobre, recebe mais um candidato às vendas de moda. O sr. André Courreges desembarca com cabides e etiquetas, pronto para empolgar a platéia latina e um tanto desinformada. Afinal, apesar de considerar a si mesmo como um dos poucos verdadeiros estilistas atuais, Courreges foi retirado da Câmara de Alta Costura de Paris por não ter uma avaliação do mesmo nível dos colegas (Saint-Laurent, Ungaro, Dior, Ricci, etc). Tradicional como individualista negador de valores antigos, Courreges pecou só pela deselegância do autoelogio e não consideração pelo restante de seus companheiros de métier. Mas esses são detalhes típicos da moda. O que interessa é ver a corrida ao nosso pobre mercado, que deve ter algum futuro promissor, ajudado pela procura das grandes marcas internacionais. (Iesa Rodrigues)